

Gramsci e os anarquistas: diferentes respostas para um mesmo problema - a divisão social da educação^{1 2}

OLIVEIRA, Gustavo Castanheira Borges de³

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo propor uma reflexão sobre a relação entre a educação e a divisão da sociedade em classes, operada pela divisão social do trabalho. A partir daí colocamos em foco duas perspectivas educacionais que propõem a superação da sociedade de classes: a anarquista, representada aqui por Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin; e a gramsciana, proposta por Antonio Gramsci. A partir das perspectivas educacionais proudhonianas, expressas em conceitos como “escola-oficina” e “educação politécnica”, chegaremos à principal formulação de Bakunin, no que se refere à questão educacional: “instrução integral”. Quanto aos escritos de Gramsci, nosso intento é analisar especificamente a sua ideia de “escola unitária”, elaborada como uma alternativa às escolas tradicionais italianas no período em que o autor escrevia. Por fim, buscaremos confluências e dissonâncias entre esses dois pensamentos, sempre atento a um ponto, que é comum tanto em Gramsci como nos anarquistas, e que será o foco do nosso texto: a divisão social do trabalho, da educação, da cultura, enfim, a divisão da sociedade em classes.

Palavras-chave: Educação anarquista; Educação gramsciana; Divisão social do trabalho.

Gramsci and the anarchists: different answers to the same problem-the social division of education

Abstract

This paper aims to propose a reflection on the relationship between education and the division of society into classes, operated by the social division of labor. From there we put into focus two educational perspectives that suggest overcoming of class society: the anarchist, represented here by Pierre-Joseph Proudhon and Mikhail Bakunin; and the gramscian education, proposed by Antonio Gramsci. From the Proudhonian educational perspectives, expressed in concepts such as "workshop-school" and "polytechnic education", we will arrive at Bakunin's main formulation, regarding the educational question: "integral education". As for Gramsci's writings, our intention is to analyze specifically his idea of "unitary school", elaborated as an alternative to the traditional italian schools in the period in which the author wrote. Finally, we will look for confluences and dissonances between these two thoughts, always attentive to a point, which is common in both Gramsci and anarchists, and which will be the focus of our text: the social division of labor, education, culture, finally , the division of society in classes.

¹ Pesquisa realizada com o apoio da FAPEMIG.

² Agradeço aos pareceristas pelos valiosos apontamentos feitos e que ajudaram a melhorar o presente artigo.

³ Graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Email: gustavocbo@gmail.com

Keywords: Anarchist education; Gramscian education: Social division of labor.

“A primeira questão que vamos hoje considerar é esta: a emancipação das massas operárias poderá ser completa enquanto a instrução que essas massas recebem for inferior àquela que será dada aos burgueses, ou enquanto houver, em geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por sua origem, está destinada aos privilégios de uma educação superior e de uma educação mais completa? Colocar esta questão não é resolvê-la?”

Mikhail Bakunin

INTRODUÇÃO

As palavras da epígrafe acima foram escritas por Bakunin há mais de um século, mais precisamente há 145 anos, no calor das lutas sociais do século XIX. Haviam se passado apenas 21 anos desde as revoltas de 1848 na França, e a Comuna de Paris ainda estava por vir, não demoraria nem três anos. A questão colocada pelo anarquista russo é clara e objetiva: poderá o proletariado se emancipar, enquanto as massas possuem uma educação inferior à dada as classes dominantes? O nosso texto se constitui justamente como uma resposta a essa provocação.

Além de Bakunin, trabalharemos também com as contribuições de outro grande anarquista: Proudhon. A partir das perspectivas educacionais proudhonianas, expressas em conceitos como “escola-oficina” e “educação politécnica”, chegaremos à principal formulação de Bakunin, no que se refere à questão educacional: “instrução integral”.

Mas não ficaremos somente dentro do espectro anarquista. Outro teórico trabalhado aqui será Antonio Gramsci, um dos principais expoentes do marxismo na atualidade, que produziu entre as décadas de 1920 e 1930, importantes reflexões sobre a educação escolar. Nosso intento é analisar especificamente a sua ideia de “escola unitária”, elaborada como uma alternativa às escolas tradicionais italianas no período em que ele escrevia.

Sendo assim, nosso trabalho se constrói a partir do estudo das propostas educacionais anarquistas, especificamente as de Proudhon e Bakunin, e das elaborações de Gramsci, buscando captar similaridades e diferenças relevantes. Um ponto, que é comum tanto em Gramsci como nos anarquistas, será o foco do nosso

texto: a divisão social do trabalho, da educação, da cultura, enfim, a divisão da sociedade em classes.

Os três pensadores utilizados aqui percebiam que a radical divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual é um dos pilares da sociedade de classes, tendo como efeito imediato e visível, a divisão da sociedade em classes: uma hegemônica, responsável pela execução do trabalho intelectual, e conseqüentemente pela direção política e econômica da sociedade, possuindo o privilégio de ser a detentora dos meios de produção; a outra, responsável por exercer os trabalhos essencialmente manuais que a sociedade demanda, ganhando menos por isso, e desprovida de possuir os meios de produção. Essa é a divisão social do trabalho, nua e crua: há os que essencialmente pensam, e há aqueles que essencialmente trabalham manualmente. Vejamos então, como a educação pode perpetuar, ou não, a divisão da sociedade em classes.

DOIS PROJETOS, UM DILEMA: DIVISÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO ANARQUIA E EDUCAÇÃO

A palavra Anarquia vem do grego e literalmente significa “sem governo”, sendo que podemos encontrar em pensadores antigos, como por exemplo, Zenão, referências ao pensamento ácrata. Apesar dessa remota referência, o anarquismo enquanto movimento de massas e corpo teórico constituído surge em meados do século XIX. Segundo George Woodcock:

[...] a palavra anarquismo expressava, claramente, uma condenação, tanto durante a Revolução Francesa como depois dela. Na melhor das hipóteses, servia para descrever aqueles cujos métodos de atuação política podiam ser considerados destrutivos ou desastrosos; na pior, era um termo empregado indiscriminadamente para aviltar a oposição. Mas, assim como outras designações, tais como Cristão e Quaker, "anarquista" seria enfim orgulhosamente adotado por um daqueles homens contra o qual fora lançado como uma condenação. Em 1840, Pierre-Joseph Proudhon, aquele individualista violento, sempre tão cheio de razões, que se vangloriava de ser um homem de paradoxos, um provocador de contradições, publicou um livro que o tornaria o pioneiro dos filósofos libertários. Esse livro foi *O que é propriedade?*, no qual dá à sua própria pergunta a célebre resposta: "Propriedade é roubo". Nesse mesmo livro ele se tornaria o primeiro homem a reclamar para si, voluntariamente, o título de anarquista (WOODCOCK, 2002, p.9).

Proudhon seria então o primeiro a se autodeclarar anarquista, dando uma conotação positiva ao termo, ao invés da pejorativa que o revestia até então. Podemos expor, de forma bastante sucinta, os princípios fundamentais do

anarquismo: a negação da hierarquia e autoridade como formas de opressão; a defesa da fraternidade e cooperação entre todos os indivíduos, ao invés da competição e egoísmo suscitados pela sociedade capitalista; a autogestão da sociedade, baseada na auto-organização dos indivíduos; a extinção do Estado e qualquer instituição que oprima os indivíduos; socialização das riquezas produzidas, o que acabaria com a desigualdade social e conseqüentemente com as mazelas que ela acarreta; a negação da propriedade privada e do capitalismo. Dessa forma, o anarquismo se constrói em meio às lutas sociais do século XIX e início do XX.

Proudhon seria igualmente um dos primeiros a pensar sobre a educação, e é sobre suas concepções educacionais que nos deteremos aqui. O pensamento de Proudhon é estreitamente ligado ao mundo do trabalho, o que é reflexo do contexto histórico em que ele vive: desenvolvimento da indústria, explosão do capital, formação de uma classe operária, intensificação de lutas sociais. Desse modo, educação e trabalho estão intrinsecamente ligados no pensamento proudhoniano. Sobre isso, Silvio Gallo faz uma interessante análise:

Na pedagogia revolucionária de Proudhon podemos distinguir dois temas centrais: a democracia e o trabalho. A democracia exprime-se em dois âmbitos: é necessária uma democratização do ensino, através da justiça na igualdade de oportunidade, para que a educação abranja toda a sociedade, e não apenas os segmentos dominantes; e a democracia deve estar presente também na direção da educação, através da autogestão. O trabalho também se desloca em dois focos fundamentais: primeiro ele deve ser o principal instrumento de aprendizagem; e, por outro lado, aparece na proposta de uma educação politécnica, onde a generalidade deve preceder a especialização (GALLO, 1993, p.36).

A educação anarquista é, obviamente, pautada nos princípios gerais anarquistas já descritos aqui. O trabalho e a democracia são pontos que deixam isso explícito, revelando também o fim último de uma educação verdadeiramente libertária: a extinção da sociedade de classes. Os dois âmbitos em que a democracia se exprime no pensamento de Proudhon mostram a preocupação em se criar uma escola coerente com a sociedade em que a mesma se insere. A democracia é externa e interna à escola: o ensino deve ser ofertado de modo justo e igualitário a todos os indivíduos, sem que haja uma classe detentora do privilégio de possuir uma educação mais completa, e essa é uma tarefa de toda a sociedade; e também deve ser aplicada na direção interna da escola, através da autogestão.

Vemos, portanto, que o princípio democrático defendido por Proudhon é claramente uma ferramenta contra a perpetuação da sociedade de classes.

Proudhon entendia que na sociedade capitalista, a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual era um dos principais pilares da divisão da sociedade em classes. Seria a partir do trabalho que uma classe subjugaria a outra: o trabalho manual é feito pela classe menos favorecida, que recebe pouco por isso e permanece alienada de todas as decisões políticas; já o trabalho intelectual é reservado à classe dominante, detentora dos meios de produção e exploradora da mão de obra proletária. Isso ajuda a explicar o porquê de, em boa parte das vezes, o trabalho intelectual ser mais bem remunerado que o manual: ele é praticado justamente pela classe mais rica, que de forma alguma aceitaria receber o mesmo que um operário recebe.

É claro que outros fatores colaboram para tal prática: às vezes, o tempo e o dinheiro gastos para se formar mão de obra para um trabalho eminentemente intelectual são maiores do que os gastos para se formar um profissional para determinado trabalho manual; pode ocorrer também de a quantidade de profissionais aptos a realizar um determinado trabalho intelectual ser pouca, enquanto o número de profissionais aptos a realizarem um trabalho manual ser bastante alto, o que aumenta o salário daqueles em relação à esses. Entretanto, elementos classistas interferem nos preços dos salários oferecidos no mercado, mesmo que a questão de oferta e procura de determinados profissionais especializados seja importante também.

Dessa maneira, a democratização do ensino visa proporcionar a todos os membros da sociedade, oportunidades iguais de desenvolvimento intelectual, para que a partir daí todos possam ter capacidade de exercer qualquer profissão que escolherem. Esse seria um dos primeiros passos para que a divisão da sociedade em classes fosse atacada na sua estrutura. Como mostra Bakunin (2015), a proposta de uma educação integral é proporcionar uma formação prática e teórica a todos os indivíduos, que assim estariam aptos a escolher em que trabalhar, além de conhecerem e, conseqüentemente, mudarem a realidade social em que estão inseridos. Então, a ocupação de atividades no mundo do trabalho não ficaria fortemente atrelada a uma questão de classe, mas sim a uma questão de aptidão e vontade, entre outros possíveis elementos.

Por sua vez, a democracia aplicada na direção da escola faz referência a um dos maiores princípios do anarquismo: a autogestão. Autogestão, como o próprio

conceito diz, denota um modo organizacional onde os próprios envolvidos são os responsáveis por administrar os processos ou a instituição da qual fazem parte. As decisões são tomadas de forma democrática, sendo que todos têm direito a manifestar suas opiniões e a deliberar de acordo com sua capacidade. Dessa forma, a autogestão socializa a responsabilidade entre todos e evita a centralização do poder na mão de alguns poucos. Um instrumento historicamente utilizado pelo movimento anarquista na busca pela autogestão é a assembleia: local onde todos se reúnem, representam a si mesmos, e decidem os rumos da coletividade. A autogestão escolar, princípio indispensável do pensamento educacional anarquista, tem por função criar um ambiente escolar libertário, para que desde cedo as crianças aprendam a autogerirem seus espaços. A autogestão delega a responsabilidade das decisões a todos os indivíduos do grupo, sendo assim mais um passo na construção de uma sociedade sem classes.

A prática da autogestão na educação, fomentada ou inspirada por ideias e movimentos anarquistas, pode ser identificada em algumas experiências do século XIX e início do século XX: a escola lasnaia-Poliana na Rússia, o orfanato de Cempuis na França, A Escola Moderna⁴ na Espanha, as comunidades escolares de Hamburgo na Alemanha, entre outras. Entre as práticas de autogestão encontradas em tais escolas, podemos citar: a realização de assembleias, maior autonomia dos estudantes em se organizarem em grupo e escolherem os seus temas de estudo, a não utilização de castigos físicos (ao contrário do que era comum na época), e a participação dos jovens na manutenção e organização das escolas.

Além da democracia, outro ponto importante em Proudhon é o trabalho. Como já foi dito, o mundo de Proudhon é o mundo do trabalho, e conseqüentemente seu pensamento é influenciado por ele. Dois conceitos representam a base da relação entre trabalho e educação no pensamento proudhoniano: “educação politécnica” e “escola-oficina”. À medida que Proudhon via como nociva a separação entre trabalho intelectual e manual, na sua concepção a educação deveria ser teórica e prática, voltada para a indústria, para o mundo do trabalho, sendo também politécnica, ou seja, desenvolveria nos alunos a capacidade de executar variados trabalhos manuais, permitindo que os mesmos conhecessem diversos ramos da produção industrial. Sendo assim, as escolas deveriam ser espécies de oficinas

⁴ A Escola Moderna foi criada, em 1901, e dirigida pelo pedagogo espanhol Francesc Ferrer i Guàrdia. Sobre essa experiência, Cf: Guàrdia, 2010.

onde os indivíduos aprenderiam os conceitos teóricos e os poria em prática, daí o nome “oficina-escola”.

Sobre a educação politécnica e as escolas-oficinas Codello diz o seguinte:

Oficina e escola formam um conjunto inseparável, completam-se mutuamente, o seu objetivo é um ensino que forme o homem completo, o trabalhador crítico e consciente. É exatamente sobre a união dessas duas situações que Proudhon considera transformar o trabalho e restituir-lhe o seu significado mais humano, a sua alegria, sua criatividade. Não deve existir, portanto, nenhuma contraposição entre a mente e a mão, entre trabalho intelectual e manual, uma vez que ambas as culturas e as duas formações penetram-se e completam-se mutuamente (CODELLO, 2007, p.102).

Dessa maneira, para Proudhon a educação não deveria continuar sendo um instrumento que desde o berço opera a divisão da sociedade em classes, e conseqüentemente a divisão social do trabalho, mas sim um instrumento de esclarecimento das massas e transformação social. A escola-oficina proporcionaria situações em que a teoria fosse posta em prática na medida em que os estudantes tivessem contato direto com as máquinas, e dessa maneira exerceriam o trabalho intelectual juntamente com o manual. Sendo assim, a escola-oficina seria um ambiente propício à educação de gerações não mais separadas pela infame divisão entre pensadores e executores, intelectuais e proletários, mas finalmente aptas a dar ao trabalho um caráter revolucionário: o de superação da sociedade de classes.

A ideia de formar integralmente o homem, tanto de forma teórica quanto de forma prática, transcendeu a obra de Proudhon e encontrou em Mikhail Bakunin um de seus maiores propagadores. Em 1869, Bakunin escreveu quatro artigos para o jornal *L' Egalité*, teorizando sobre aquilo que ele chamaria de “instrução integral”. Essa instrução segue a lógica proudhoniana de conciliar formação teórica e prática, além de conceber a educação ligada ao mundo do trabalho.

Bakunin divide o ensino em dois: científico, ou teórico, e industrial, ou prático. O primeiro subdivide-se em duas categorias: geral e especial. A primeira categoria seria obrigatória para todas as crianças, sendo responsável por fornecer os princípios básicos do conhecimento humano, substituindo a metafísica e a teologia pela explicação racional, científica. A segunda possui um cunho de especialidade, sendo que os estudantes escolheriam os ramos do conhecimento que os atrairiam mais, e assim seriam encaminhados para suas profissões. O ensino industrial se divide também em dois: o ensino geral, que daria aos estudantes a ideia geral e o conhecimento prático de todas as indústrias; e o específico, dividido em

grupos de indústrias com afinidades entre si. Paralelamente ao ensino teórico e prático deve ocorrer a formação moral do indivíduo por meio de uma série de experiências ocorridas no ambiente educacional pautadas nos princípios da autogestão, da autonomia e da solidariedade.

Assim como Proudhon, Bakunin também percebia que a diferença na educação dada aos pobres e aos ricos, que a divisão social da instrução e da educação, gerava como seu efeito imediato a divisão social do trabalho, e conseqüentemente a divisão da sociedade em classes. À classe trabalhadora era relegada a mínima instrução necessária para que conseguissem operar as máquinas nas fábricas; aos ricos era reservada a educação intelectual, que os capacitava a seguirem como organizadores da cultura e da política, além de dirigirem a economia.

GRAMSCI E A EDUCAÇÃO

Antonio Gramsci, diferentemente de Proudhon e Bakunin, se enquadra na tradição marxista, sendo que o mesmo chegou a ser secretário-geral do Partido Comunista da Itália. Os seus escritos sobre educação, os quais analisaremos aqui, se encontram na obra *Cadernos do cárcere*, volume 2, sob o título *Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*.

Gramsci detectou uma crise na educação escolar - lembremos que ele escreve por volta de 1930 na Itália – que segundo ele é reflexo de uma crise orgânica mais ampla e geral. Segundo Gramsci, na história da civilização moderna há um tipo característico de escola, chamada de “humanista”, cujo papel principal era formar as elites dominantes a partir de um currículo clássico, baseada no estudo do latim e do grego, e da filosofia. Essa escola deveria formar dirigentes, intelectuais, representantes das classes hegemônicas, por isso forneciam uma formação intelectual, ao invés de uma formação profissional voltada para a execução de tarefas manuais. Ao lado da dita escola humanista há a escola “profissional”, destinada às classes instrumentais, ou seja, sua função era formar os trabalhadores manuais, advindos das classes baixas.

Segundo Gramsci, essa divisão entre escola clássica e escola profissional era um esquema racional. A crise se inicia no momento em que a indústria passa por um desenvolvimento tanto na cidade quanto no campo, e assim surge a necessidade de um novo tipo de intelectual urbano: para que se formasse esse

profissional, foi criada a “escola técnica”. Essa nova escola, de caráter profissional, mas não manual, colocou a escola humanista sob forte questionamento perante a sociedade. A tendência que Gramsci vislumbrava era a de que a formação humanista fosse cada vez mais reservada a um pequeno grupo de indivíduos privilegiados por sua alta posição social, e que as escolas profissionais se multiplicassem a cada dia que passa. Assim, havia uma certa desorientação na educação escolar do tempo de Gramsci: o currículo humanista é fortemente questionado, e as escolas profissionais tomam conta do meio educacional. Mas Gramsci tinha a solução:

A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 2004, p.33-34).

Gramsci lança as bases daquilo que ele acredita ser o remédio para a crise educacional: “a escola única”, ou “unitária”. A proposta de Gramsci é conciliar a formação profissional com a cultura humanista, tendo a escola única como síntese. O autor teoriza sobre alguns aspectos dessa escola, como organização, currículo, manutenção, entre outros.

Primeiramente, sobre sua manutenção. Gramsci delega ao Estado a missão de assumir as despesas da escola única, deixando evidente a sua opção por uma educação pública, ao invés de privada, pois só assim ela abarca todos os indivíduos, sem divisões de classes ou grupos. A escola deveria funcionar em tempo integral, lá as crianças estudariam, receberiam suas refeições e dormiriam, fariam da escola sua moradia.

Segundo: a escola unitária deveria corresponder ao período referente às escolas primárias e médias, ou seja, os alunos ingressariam por volta dos 5 ou 6 anos de idade e deixariam a escola por volta dos 16. Durante os três ou quatro primeiros anos, no nível inicial da escola, os alunos teriam noções básicas da instrução – contar, ler, escrever, geografia, história -, além de noções sobre “direitos e deveres”, ou seja, sobre política e Estado. A outra etapa do curso não duraria mais do que seis anos, e seria destinada, nos seus anos finais, a “criar os valores fundamentais do ‘humanismo’, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos

universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria,burocracia,comércio,etc.).”(GRAMSCI, 2004, p.39).

Por fim, a escola unitária deve ser igualmente uma escola “criadora”: nos anos finais o aprendizado ocorrerá nas bibliotecas, nos laboratórios experimentais, nos seminários; o objetivo é propiciar meios para que os alunos desenvolvam sua autonomia intelectual, e descubram por si mesmos, verdades conhecidas por outros, já que “descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação, mesmo que a verdade seja velha, e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual, na qual se podem descobrir verdades novas.” (GRAMSCI, 2004, p.40).

ENTRE GRAMSCI E OS ANARQUISTAS

As propostas de Proudhon e Bakunin guardam semelhanças e diferenças com a de Gramsci. Enumeremos primeiro as semelhanças, que nos parecem ser duas.

Primeiro: tanto os anarquistas quanto Gramsci situaram a educação diretamente ligada ao trabalho: os primeiros apoiavam a criação de escolas-oficinas, onde os alunos entrariam em contato com a indústria durante o período escolar; o segundo tinha o trabalho como princípio educativo.

Segundo: assim como Gramsci, Proudhon e Bakunin viam a sociedade dividida em classes, percebiam que a divisão social do trabalho era um dos pilares do capitalismo, promotora de desigualdades sociais e miséria. A divisão do trabalho em manual e intelectual era para esses três pensadores, fruto da educação desigual que ricos e pobres recebiam: os primeiros eram educados para serem dirigentes, exercerem o trabalho intelectual; os últimos eram formados para trabalharem com máquinas, executando o trabalho manual que demandava a sociedade. Desse modo, a educação gramsciana, assim como a anarquista, parte do pressuposto de que prática e teoria não devem estar completamente dissociadas; o homem deve ser educado de maneira integral: ter senso prático, e autonomia intelectual.

As diferenças entre os dois modelos são reflexos dos princípios essenciais que demarcam claramente a fronteira entre comunistas e anarquistas. A intenção aqui não é de modo algum fazer comparações entre marxistas e anarquistas, ou debates do tipo “Bakunin versus Marx”, longe disso, mas não podemos deixar de

tocar em pontos ideológicos importantes para o entendimento dessas duas concepções educacionais. As diferenças podem ser vistas a partir de duas perspectivas.

A primeira perspectiva é a organização escolar. Como já foi dito, o princípio que regeria a organização de uma escola anarquista é o da autogestão. Proudhon não chegou a construir uma escola onde pudesse colocar suas ideias em prática, mas no fim do século XIX e durante o século XX tivemos experiências educacionais anarquistas onde podemos ver como o princípio da autogestão funciona: há sempre a busca de decisões tomadas de forma conjunta; a preferência pelo consenso, buscando atender o interesse de todos os envolvidos, no lugar do voto, com privilégio da maioria; a descentralização do professor nas relações de poder; a construção coletiva de regras e de conhecimentos, por meio de trabalhos em assembleias e grupos. Não entraremos em detalhes sobre essas experiências, pois não é o nosso foco aqui, mas é importante registrar a função que a autogestão assume em escolas anarquistas, sendo que há outros trabalhos que discutem esse tema (LIPIANSKY, 2007) (KASSICK, 2002).

Gramsci, ao menos nos escritos que analisamos, não demonstra simpatia para com o princípio autogestionário anarquista. Um trecho de Gramsci é esclarecedor:

Toda a escola unitária é escola ativa, embora seja necessário limitar as ideologias libertárias neste campo e reivindicar com certa energia o dever das gerações adultas, isto é, do Estado, de “conformar” as novas gerações. [...] A escola criadora é o coroamento da escola ativa: na primeira fase, tende-se a disciplinar e, portanto, também a nivelar, a obter uma certa espécie de “conformismo” que pode ser chamado de “dinâmico”; na fase criadora, sobre a base já atingida de “coletivização” do tipo social, tende-se a expandir a personalidade, tornada autônoma e responsável, mas com uma consciência moral e social sólida e homogênea (GRAMSCI, 2004, p.39).

Além de limitar as ideologias libertárias, Gramsci também prevê um processo de “conformismo dinâmico” levado a cabo pelo Estado. Esses aspectos de caráter centralizador nos levam direto à segunda perspectiva pela qual abordaremos as diferenças entre as duas concepções de educação.

A outra perspectiva é reflexo direto das opções ideológicas dos três pensadores vistos aqui: Proudhon e Bakunin caminham em direção à descentralização do poder na sociedade, e também combatem a institucionalização da educação por parte do Estado ou de qualquer outra instituição; Gramsci, pelo

contrário, responsabiliza o Estado por manter toda a educação pública funcionando, mantendo assim uma postura centralizadora, elegendo o Estado como guardião e formador das futuras gerações.

Vejam os que Gramsci e Proudhon dizem sobre a questão da relação das escolas com o Estado:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família no que toca à manutenção dos escolares, isto é, requer que seja completamente transformado o orçamento do ministério da educação nacional, ampliando-o enormemente e tornando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abarcar todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas (GRAMSCI, 2004, p.36).

Compreende-se principalmente que as associações operárias sejam chamadas a representar aqui um papel importante. Postas em relação com o sistema de instrução pública, elas tornam-se simultaneamente centro de produção e centro de ensino. [...] gratuito! Quereis dizer pago pelo Estado. Ora, quem pagará o Estado? O Povo. Portanto, o ensino não é gratuito. Mas não é tudo. Quem mais se aproveita do ensino gratuito, o rico ou o pobre? O rico evidentemente: o pobre está condenado ao trabalho desde o berço (PROUDHON apud LIPIANSKI, 2007, p.31).

A questão da manutenção das escolas deixa evidente a diferença entre Gramsci e os anarquistas: para o primeiro, o Estado mantém as escolas; para os últimos, a comunidade gere suas próprias escolas. Ao ler um pequeno trecho de Gramsci, identificamos o mesmo impulso centralizador ao tratar da colaboração e estreitamento de relações entre os diversos organismos de produção cultural e formação educacional:

A colaboração entre estes organismos e as universidades deveria ser estreita, bem como com todas as escolas superiores especializadas de qualquer tipo (militares, navais, etc.). A finalidade é obter uma centralização e um impulso da cultura nacional que fossem superiores aos da Igreja Católica (GRAMSCI, 2004, p.41).

O contexto histórico em que Gramsci vive ajuda a explicar a citação acima: a Itália é tradicionalmente o centro máximo do cristianismo no Ocidente, daí o motivo de o filósofo italiano fazer referência a Igreja Católica, tentando ultrapassá-la em termos de influência política e poderio social. A Itália se unificou de fato somente na passagem do século XIX para o XX, o que pode explicar também a sua preocupação com a centralização e impulsão de uma cultura nacional. Em suma, o princípio centralizador é presente em Gramsci quando se refere à organização do sistema educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi dito, nosso intento era o de analisar a relação entre educação e divisão da sociedade em classes, a partir da divisão social do trabalho, tendo como referenciais dois autores anarquistas, Proudhon e Bakunin, e um importante expoente do marxismo no século XX, Antonio Gramsci. O objetivo de tal análise é colocar em evidência essas duas propostas educacionais, pontuando diferenças e semelhanças. Para tal, foi importante situar os autores em seus devidos contextos históricos, bem como o campo ideológico, ou teórico, pelo qual eles se movimentam.

Proudhon e Bakunin são homens do século XIX, ambos estão acompanhando o crescimento das cidades, o surgimento das lutas sindicais e operárias no seio das indústrias, por isso o fato de colocarem educação e trabalho de forma tão próxima. Suas perspectivas descentralizadoras, como o fato de elegerem a autogestão como princípio gestor das escolas, são reflexos do pensamento anarquista, que jamais institucionalizaria a educação escolar. Já o italiano Gramsci chegou a respirar os ares do século XX, viveu na pele a ameaça fascista no início da década de 1930. Vindo de uma tradição marxista, tendo sido secretário-geral do Partido Comunista na Itália, não é estranho encontrarmos em Gramsci uma visão de cunho mais centralizadora, elegendo o Estado como organizador da educação pública.

Além dessas duas perspectivas históricas, há uma terceira, que não pode de maneira nenhuma ser esquecida: a nossa. Tão importante quanto entender o pensamento daqueles que produziram as ideias no tempo passado, é compreender nós e o nosso presente. Afinal, qual o sentido de se refletir hoje sobre a relação entre educação e divisão social do trabalho a partir de referências de séculos passados? Há uma relação entre o “hoje” contido nas palavras de Bakunin, citadas em nossa epígrafe, e o “nosso hoje”?

Um fenômeno real, e facilmente visível, responde as nossas perguntas: atualmente, assim como na época de Gramsci, há um avanço das escolas técnicas, a carga horária de aulas de História e Geografia está sendo reduzida; há um ensino profissionalizante cuja principal, e quase única, preocupação é o fazer. Há ainda uma divisão entre pensar, reservado às classes hegemônicas, e o fazer, delegado às classes sociais inferiores. Os ricos não costumam frequentar as escolas

profissionalizantes, e os mais pobres só agora começam a querer sonhar com a Universidade.

De fato, a separação radical entre teoria e prática permanece, assim como a divisão social do trabalho, e a educação possui um importante papel nesse esquema. “Por esta questão, não é resolvê-la?”, se perguntava Bakunin. Quanto a nós, estamos repondo a mesma questão no contexto atual, e dando também a resposta: com a perpetuação de uma educação desigual, continuaremos a viver em uma sociedade desigual. Mais do que uma questão pedagógica, enxergamos a educação como um problema social, econômico e político. Nossa perspectiva histórica demonstra isso: para alguém que deseja a superação da sociedade de classes, e uma efetiva mudança na educação, o verdadeiro compromisso não é simplesmente propor metodologias novas, estratégias pedagógicas inovadoras ou o uso de tecnologias em sala de aula, mas sim dar conta de efetivar a quebra da falsa dicotomia “prática/teoria”, que parece ser mais um instrumento de perpetuação hegemônica de classe, do que algo “natural”.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Mikhail. A Instrução Integral. In: COELHO, Plínio (Org.). *Mikhail Bakunin: Obras escolhidas*. São Paulo, Hedra: 2015.

CODELLO, Francesco. *A boa educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil*. São Paulo, Imaginário: 2007.

FERRER I GUÀRDIA, Francesc. *A Escola Moderna*. Piracicaba, Ateneu Diego Giménez: 2010. Disponível em: < <http://difusaolibertaria.files.wordpress.com/2012/11/adg-a-escola-moderna.pdf> > Acesso em: 28/12/2016.

GALLO, Sílvio. Politécnica em educação: a contribuição anarquista. *Pro-Posições*, Campinas, vol. 4, nº 3, p. 34-46. 1993.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In:_____. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 15 – 53.

KASSICK, Clovis Nicanor. *A organização da escola libertária como local de formação de sujeitos singulares: um estudo sobre a Escola Paidéia*. 2002. Tese. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LIPIANSKY, Edmond Marc. *A Pedagogia Libertária*. São Paulo: Imaginário, 2007

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas: a ideia*. Porto Alegre: L&PM, 2007.